

Será que tudo se resume apenas a uma NÓIA?

Annibal Coelho de Amorim

[Médico. Doutor em Saúde Pública]

Por vezes, tenho a impressão de que estamos “em compasso de espera”; em outras, de que somos impelidos a “recolher os cacós” a cada tragédia do dia a dia (sim e não), mas acabo de “me dar conta”, seja lá o que isso for, de que estamos mesmo é vivendo os últimos estertores do atualíssimo “mal estar da civilização” que Freud possa me perdoar por esta apropriação indébita.

Esta semana (..... peço aos leitores um adjetivo para estes pontinhos), o país sobressaltado, assistiu a apresentação de uma PEC da “nova Previdência”, encaminhado “sem cerimônia” ao Congresso Nacional, transformando o cenário das semanas pré-carnaval, em algo muito semelhante ao “último baile da Ilha Fiscal”.

Entre o “ranger de dentes” e as “manifestações de assombros” o pacote assemelha-se, entre muitos outros aspectos, a um texto que foi descrito por especialistas, em uma proposta com “requintes de crueldade”. Não sendo minha expertise, deixo aos especialistas da legislação a análise apropriada de cada um dos cenários que compõem esta PEC, mas neste blog me interrogo até que ponto muito de tudo o que vivemos é resultado de um indisfarçado início de um “fim de festa”.

Antecipadamente justifico que este texto se resumirá a uma análise clínica, do grego **KLINIKÓS**, em que a boa etimologia aponta para o ato de “inclinar-se”, particularmente em direção aos mais vulneráveis, idosos e pessoas com deficiência que até o presente momento tiveram como concessão o BPC, sigla que significa “benefício de prestação continuada”, que pelo “andar da carruagem” (que me parece uma carroça) vai sofrer um verdadeiro retalhamento, reduzido que será a mais de cinquenta por cento.

Imaginem o que acontecerá se esta proposta de “emenda constitucional” for aprovada ou, na melhor hipótese, não for contestada no STF em face das chamadas cláusulas pétreas da “carta magna”?

Outra tragédia se anuncia: pessoas idosas e/ou com deficiência em completo desespero, porque podem perder os fios de esperança que sustentam suas vidas já vulneráveis.

Em meio a esse “espetáculo de horrores”, patrocinado por cerca de 39 por cento da população e “milhares de zaps”, vemos uma indisfarçada indiferença com segmentos que durante sete décadas (no caso de idosos e pessoas com deficiência), foram amparadas por todos os contribuintes ativos da “velha Previdência”.

Onde se encontram as medidas que poderiam resolver definitivamente o problema da “nova-velha” Previdência? Onde se encontra na proposta encaminhada a cobrança das dívidas milionárias daqueles que devem aos cofres públicos? Onde estão as medidas que, de forma equilibrada, busquem restaurar princípios de proporcionalidade onde aqueles que acumulam “ganhos de capital” contribuam com parte de seus ganhos?

Em meu desassombro vejo com bastante pessimismo que a PEC não é somente uma proposta que busca enfrentar um problema, mas uma proposta que literalmente escolhe um lado, o dos mais fortes e determina de maneira cabal uma sentença, uma pena de morte aos “mais fracos”.

Será que tudo o que estou escrevendo se resume apenas a uma NÓIA?

Eu sinceramente acredito que não, me arriscando a dizer que uma pesquisa séria de opinião revelaria uma verdade incontestável: isto não é mais uma NÓIA.

Tenho a impressão de que estamos prestes a transformar o Brasil em um “imenso bloco de carnaval chamado

ME DÁ UM DINHEIRO AÍ”.

Do lado de lá da “Ilha Fiscal”, os felizes e poucos milionários festejarão em um baile, enquanto que do lado de cá, o desfile do “bloco de sujos” se arrasta pelas avenidas em busca do que sobrou da *Terra Brasilis*

Não, isto não se resume à minha NÓIA!!!! ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.